

mando. Na confluência dessas duas séries seria possível observarem-se as condições e possibilidades de discursos profissionais específicos. Acima de tudo, o que Sandy e Holmwood estão propondo é uma postura perante a vida. O desencantamento weberiano deve ser o instrumento fundamental do cientista ao olhar a sociedade, a sua própria obra e, talvez, a si mesmo.

Retomando a introdução desta resenha, Sandy continua sendo uma pessoa cativante, porém, ao propor uma crítica ao "estabelecimento" sociológico, os autores sucumbem às duas falácias pois não vão além da crítica.

A teoria da ação que emerge na leitura do livro revela-se no fazer sociológico que, ao descobrir, também transforma o mundo. Ao longo de capítulos onde são aprofundadas as contradições entre racionalidade e ação, ação e estrutura, poder e ordem normativa, estrutura e função, falsa consciência e alienação ontológica, os autores descobrem a perpetuação de falácias horizontais e verticais na obra de diversos cientistas sociais (Parsons, Giddens, Habermas), porém, não vão além da crítica, como eles próprios reconhece:

"Não temos metodologia para oferecer, nem rotinas para criativamente resolver problemas. A solução de problemas origina novos dados e novas relações. Metodologias são resultados de práticas atuais e estão baseadas em esquemas que precisam ser transformados

ao mesmo tempo que os problemas são solucionados. Precisamos de novos 'olhares' sociológicos e não de novas regras metodológicas. Tudo que podemos fazer é orientar os cientistas sociais para problemas que requerem a energia criativa deles..."

Em resumo, se Mozart ficasse somente criticando Salieri, possivelmente teríamos a mais lúcida e extensa crítica de Salieri, mas não teríamos Don Giovanni nem a Missa da Coroação.

O livro de Sandy e Holmwood é de difícil leitura, porém, é um manual necessário para o aprendizado do trabalho intelectual ao se caminhar ao encontro da saborosa descoberta da indeterminação da natureza e/ou da vida social, e não de encontro ao misterioso rigor do conhecimento competente sobre a natureza e/ou sobre as relações sociais.

BIBLIOGRAFIA

BRAVERMAN, H. *Labour and Monopoly Capitalism*. New York, Monthly Review Press, 1974.

HOLLIS, M. "The Social Destruction of Reality". In: HOLLIS, M. & LUKES, S. (orgs.) *Rationality and Relativism*, Oxford, Basil Blackwell, 1982.

Reestruturação Urbana: Tendências e Desafios

Lícia Valladares e Edmond Preteceille

São Paulo, NOBEL/IUPERJ, 1990, 227 páginas.

■ Por **Leonor M. Câmara**, Socióloga, Mestre em Administração Pública e Planejamento, doutoranda em Administração na EAESP/FGV, pesquisadora do CEDEC (Centro de Estudos e Cultura Contemporânea), professora da FEA/PUC/SP.

Atualmente vivenciamos uma crise do processo de acumulação capitalista, haja vista a recessão nos Estados Unidos da América e o tatcherismo na Inglaterra, para citar apenas alguns exemplos. Simultaneamente, vivenciamos um processo de grandes

transformações urbanas que vêm ocorrendo em escala mundial, incluindo aí o redimensionamento do papel do urbano e da região na economia. O desenvolvimento da tecnologia e as telecomunicações são indicadores desse processo e resultam na abertura das cidades aos mercados internacionais. A cidade e a região não estão mais limitadas pelo espaço físico. Como resultado, podemos observar o surgimento de problemas urbanos em cidades localizadas em países desenvolvidos que até há pouco pensávamos serem específicos de cidades de países do Terceiro Mundo, como os problemas da habitação e degradação urbana, por exemplo. A partir dessas constatações, os coordenadores da presente obra, Edmond Preteceille e Lícia Valladares, colocam as seguintes indagações: Pode-se atribuir as transformações

urbanas exclusivamente às mudanças econômicas que vêm ocorrendo em escala massiva? Será que tais evoluções, que acompanham a globalização dos processos econômicos, obedecem a uma lógica única cuja compreensão seria a chave explicativa para as mudanças sociais em curso, dentre as quais as mudanças que vêm ocorrendo no urbano?

A presente obra reúne algumas comunicações apresentadas na conferência sobre Reestruturação Urbana do grupo de Pesquisa de Desenvolvimento Regional e Urbano, da Associação Internacional de Sociologia (ISA), realizada na cidade do Rio de Janeiro em 1988. O critério de seleção dos trabalhos reunidos foi pautado naqueles que têm a análise centrada nos processos econômicos e de suas relações com a reestruturação urbana. Esse critério, ao contrário do que se pode pensar, não dá à obra um caráter economicista; muito pelo contrário, privilegia análises que abordam criticamente os processos econômicos nas suas relações com outras dimensões dos processos sociais, sendo os próprios processos econômicos uma de suas dimensões.

Partindo das diversidades das vertentes de análises da pesquisa urbana, foi objeto da Conferência: criar oportunidade de relacionamento entre diferentes abordagens de interpretação da questão regional e urbana; contrapor os resultados e as metodologias utilizadas nas pesquisas; e elaborar um balanço dos pressupostos teóricos atualmente em voga que *“estão levando a uma rearticulação das diferentes abordagens e que propõem modos de compreensão capazes de dar conta da complexidade dos processos e das diversidades das práticas sociais”* (pp. 8-9). A partir desses objetivos, os coordenadores da obra realizaram um corte seletivo dos trabalhos apresentados, selecionando as contribuições que apresentaram como ponto comum de análise a teoria da regulação.

Os objetivos da seleção dos trabalhos que compõem a obra são apresentar os conceitos-chave da Escola da Regulação e as questões levantadas quando da sua aplicação na análise comparativa de situações econômicas e urbanas apresentadas pelos países capitalistas avançados e pela América Latina. A compreensão dos pressupostos teóricos da teoria da regulação é, portanto, esclarecedora do sentido da obra como um todo, isto é, é o que explica a articulação das contribuições que a compõem. Segundo os próprios organizadores, a teoria da regulação se opõe à visão quantitativa-contábil da acumulação capitalista. *“Sua marca é dada pela dupla insistência sobre as características do processo concreto de pro-*

dução e sobre as formas sociais globais dentro das quais opera a reprodução do modo de produção. Designando a crise como crise do regime fordista de acumulação — crise do seu modelo de organização do trabalho, o taylorismo, e crise do seu modo de regulação, o welfare state —, a teoria da regulação reafirma a presença do político no centro mesmo dos processos econômicos: a organização do trabalho e o modo de regulação se estabelecem ou se desfazem nas lutas, nos compromissos e nas relações de força”. (p.9)

A estrutura da obra dá-se a partir de três grandes temas de análise. A primeira parte, *“Pós-Fordismo: teoria e crítica do modelo da acumulação flexível”*, é composta pelos textos *“Flexibilidade defensiva ou flexibilidade ofensiva: os desafios das novas tecnologias e da competição mundial”*, de Danielle Leborgne e Alain Lipietz; *“Reestruturação industrial, pós-fordismo e novos espaços industriais: uma crítica”*, de Martin Boddy; *“A teoria da crise e a reestruturação sócio-espacial dos Estados Unidos”*, de Mark Gottdiener; e *“As divisões do trabalho no sistema manufatureiro global: tendências contrastantes na indústria automobilística mundial”*, de Richard Child Hill. Já a segunda parte, cujo tema é *“Reestruturação urbano-industrial: impactos espaciais e regionais na América Latina”*, é composta pelos seguintes textos: *“Tendências recentes e principais mudanças na estrutura espacial dos países latino-americanos”*, de Samuel Jaramillo e Luis Maurício Cuervo; *“A industrialização e a questão regional no Terceiro Mundo”*, de Michael Storper; *“Classes, regimes fabris e mudança social no Nordeste Brasileiro”*, de Antônio Sérgio Alfredo Guimarães e Nadya A. Castro e *“Regimes de acumulação, Estado e articulação de interesses na produção do espaço construído (Brasil, 1940-1980)”*, de Marcus André B. C. de Melo. A terceira e última parte, denominada *“Grandes metrópoles diante da crise”*, é composta pelos textos: *“A metrópole: modernização, involução e segmentação”*, de Milton Santos, e *“As cidades mundiais e a problemática urbana: os casos de Nova York e Tóquio”*, de William K. Tabb.

Por tratar-se de uma seleção de comunicações, os textos que compõem a obra são curtos e bastante objetivos. O modo como estão agrupados e articulados permite que o leitor tenha uma leitura bastante fluida, apesar de densa e de pressupor uma série de conhecimentos anteriores. Sem dúvida, trata-se de uma obra imprescindível a todos aqueles que procuram manter-se atualizados no debate da questão urbana e regional, seja da perspectiva das políticas públicas, da gestão ou ainda do planejamento. □